

Sarney, José

## COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

# Sarney deu palpite na reforma

É uma relação estranha essa de Fernando Henrique Cardoso e José Sarney. Brigam há anos. Desde que um criticou o Plano Cruzado do outro e depois se elegeu presidente, transformando-se de pedra em vidraça. Na verdade houve apenas uma troca de posições, pois em matéria de ataques entre os dois a recíproca sempre foi verdadeira. De longe, criticam-se mutuamente. Trocam carinhos sempre que se encontram, mas basta que se estabeleça uma distância de poucos metros e o bombardeio recomeça.

Na semana que passou aconteceu de novo. Fernando Henrique foi ao aniversário de Sarney, ficou lá durante duas horas num à vontade sem tamanho. Beijou os netos do anfitrião, fez graça, jantou e, quando virou as costas, lá estava Sarney a apontar defeitos em seu governo, que no dia seguinte mandou um fax ao presidente desmentindo tudo. Disse que falava de dificuldades estruturais, jamais quis atingir nem criticar o grande amigo.

Ao mesmo tempo, até da qualidade intelectual de Fernando Henrique já duvidou. Mas, de seu lado, o presidente não faz por menos e também duvida da capacidade de Sarney de adaptar-se à modernidade. Acha que ele é um antigo sem recuperação. Elogia a filha, Roseana, mas acha que o pai faz parte daquele grupo que chama de "não modernizáveis".

Sarney não queria Fernando Henrique como presidente da República. Tanto que relutou até os 45 do segundo tempo para dar o apoio na campanha eleitoral. Em compensação, depois de eleito Fernando Henrique também não queria que Sarney fosse presidente do Senado.

Chegou até a fazer uma preparação preliminar de sua tropa — Sérgio Machado e Elcio Alvarez à frente — para uma tentativa de inviabilizar a eleição. Não deu certo e, de repente, o governo viu-se diante da hipótese Pedro Simon e aí desistiu de vez.

A coisa ficou feia mesmo recentemente, quando Sarney defendeu a CPI dos Bancos. Passado o risco, no entanto, ficou aquela coisa: os dois iriam se encontrar para selar amizade eterna e até hoje não se sabe se na calada esse encontro aconteceu.

**"É agora ou nunca", disse Sarney a FH para convencê-lo a nomear um articulador político**

O que se sabe agora é que José Sarney ganhou direito a um lugar de conselheiro do governo. Na montagem da reforma ministerial apareceram José Serra, Sérgio Motta, Luís Carlos Santos, Luís Eduardo Magalhães. No bastidor, no entanto, Fernando Henrique ouviu José Sarney. Falou com ele diversas vezes ao telefone — pelo menos três, com certeza — e recebeu pessoalmente Jader Barbalho — um dos arautos da CPI dos Bancos — outras tantas.

Sarney entrou no aconselhamento a respeito da administração da parte do latifúndio que caberia ao PMDB. Disse textualmente a Fernando Henrique: "Ou você faz de Luís Carlos Santos o articulador político ou o PMDB se desgarrará de vez." E, nesse caso, o presidente deu mais ouvidos a Sarney do que a ministros que privam de sua intimidade. Um deles confessou-se sexta-feira surpreso com a indicação de Luís Carlos Santos.

Não porque tenha algo contra o novo ministro, mas porque simplesmente não sabia que o presidente iria finalmente ceder à argumentação de que era importante inserir o PMDB na roda de influência efetiva do poder. O partido há muito se sentia na periferia do governo, com assento em três ministérios localizados a léguas de distância da formulação das diretrizes principais.

E, para pasmo dos ingênuos que sempre acreditaram na veracidade das divergências, foi justamente o grande inimigo quem conseguiu vencer uma resistência plantada desde o primeiro dia de governo. Evidente que houve apoios consistentes à tese. Mas eram as mesmas vozes que desde o início repetiam sem sucesso a cantilena do articulador.

Mas Sarney entrou na história e dramatizou a situação: "É agora ou nunca", disse a Fernando Henrique.

Se dará resultado, são outros quinhentos. Mas já há quem enxergue grandes possibilidades de, com isso, a banda mais estridente do PMDB evoluir de uma posição radicalmente antagônica para uma postura de divergência civilizada. Afinal, tem-se finalmente Sarney como integrante da lista dos fiadores do governo.

Note-se que essa foi uma solução de emergência para salvar o que resta das reformas constitucionais. Impossível saber o que acontecerá depois, quando pegar velocidade o debate da reeleição. Como já foi dito aqui — mas é sempre bom repetir —, os amigos de Sarney apostam qualquer dinheiro como ele, na verdade, não quer ser candidato.

E que, no ano que vem, poderia até apoiar a reeleição. Há tucanos de bom porte com essa convicção. Há também pemedebistas absolutamente certos de que a Sarney interessa apenas se fortalecer no contraditório para influir na conciliação. Quem sabe até com a participação da filha Roseana no cast de protagonistas do próximo mandato?

Tudo é possível. Principalmente quando se trata de Fernando Henrique, José Sarney e essa estranhíssima relação. E que os navegantes se previnam: na próxima briga é melhor assistir de longe, sem pretensões a entender, muito menos a meter a colher.